

# À beira do abismo

Iano Andrade/CB - 28/2/07

Se os problemas de Raimundo Barbosa com moradia se resumissem a documentos legais de posse, ele e sua família poderiam dormir em paz. Mas Raimundo é um dos muitos habitantes do Setor de Chácaras P Sul. Ali ficam a Chácara Pantanal, Condomínio Casa Branca, Condomínio Sol Nascente. Trata-se de uma das áreas mais comprometidas em termos de segurança de edificações. Nesse local está situada uma das maiores manchas de solo frágil de Ceilândia. Muitas das casas da região são cortadas por cânions e erosões de menor porte na superfície e no subsolo.

Raimundo convive com o perigo constante de deslizamentos de terra, desabamentos de construções e afundamentos de casas. O terreno tem de falhas congênitas, na linguagem dos engenheiros patologistas. No passado já ocorreram sinistros, a área está cercada de solos colapsíveis e não são seguras as estruturas das casas simples que ladeiam as margens do cânion.

Mas Raimundo faz questão de exibir documentos que comprovam a legalidade de seus lotes, apesar de não ter se livrado de ver uma de suas três casas demolidas, em meados de fevereiro, pela Defesa Civil. Inconformado, ele teme que as outras duas, erguidas bem perto da que foi derrubada, também sejam destruídas. A Defesa Civil agiu assim para preservar a vida dele e da família, explica o engenheiro Dickran Berberian.



RAIMUNDO MORA EM ÁREA DE RISCO, CONHECE O PERIGO, MAS INSISTE EM FICAR NA CHÁCARA PANTANAL

“As casas dessa região estão ameaçadas. Ninguém devia morar aqui. Elas podem cair ou afundar de um momento para outro, com uma forte chuva ou mesmo com a ação do tempo”, alerta o especialista. Raimundo tem consciência dos riscos que ele e sua família correm, mas não pensa em se mudar do lugar.

## Surto de erosões

O DF possui cerca de 5 mil manchas de solos colapsíveis, segundo estudos da Universidade de Brasília

(UnB), coordenados pelo professor Dickran Berberian. São pontos de terrenos frágeis que se assemelham a células danificadas e carregam em seu DNA geológico a herança genética das epidemias de erosões subterrâneas (veja arte). As maiores manchas de solos fracos (se dissolvem com a ação da água, redes de esgoto que se rompem e despejo de outros resíduos ácidos, entrando em colapso) estão na Asa Norte, em Ceilândia, Santa Maria e bordas do Guará e Taguatinga.

## Um problema e duas décadas de descaso

A partir de fevereiro de 1986 começa a se intensificar o drama de dezenas de famílias que perderam suas casas porque moravam em conjuntos residenciais próximos de um cânion que há duas décadas media 14km por 40m de largura. Seus paredões de barro alcançavam em alguns pontos 24m. A abertura descia da QNN 20 até a usina de lixo de Ceilândia. Hoje, a cratera — formada a partir de erosões que se expandiram junto com a chegada dos condomínios e assentamentos populares — está aterrada em cerca de 50% e suas bordas chegam a 14m de altura.

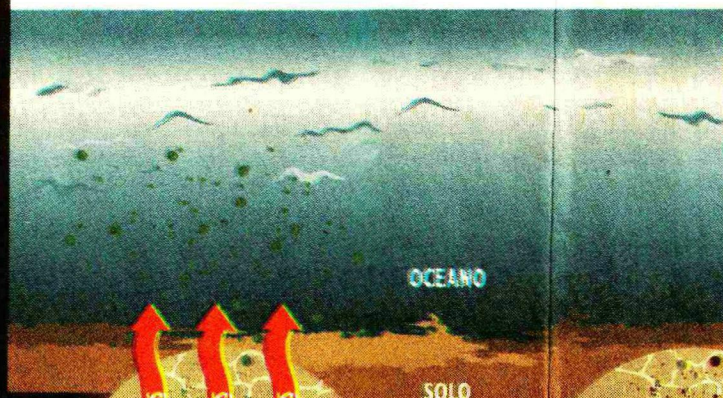
O cânion era tão impressionante quanto perigoso. E ainda é. Criaram até uma Secretaria Extraordinária de Combate à Erosão, naquele ano, mas não adiantou nada. A extensão dos problemas seguiu o ritmo da inércia oficial ao longo das últimas duas décadas; e as populações da região continuam vivendo sob ameaça de desabamentos e outros desastres naturais.

## SOLOS FRÁGEIS

A geologia, ciência que estuda a história da Terra e, conseqüentemente, a formação dos solos, demonstra como o solo do Distrito Federal foi formado



**1** Há milhões de anos, o solo brasileiro esteve sob o mar. É com a ação da água no fundo do mar que se dá início à composição atual



**2** A água retirou do solo sais solúveis e deixou um solo concentrado em ferro



**3** O ferro enferrujou, criando um cimento que liga e dá resistência às partículas do solo.

Essa composição é que dá a cor vermelha ao solo do DF



**4** Em algumas regiões, a ferrugem não está consolidada, fazendo com que a porção de terra com essa característica se torne suscetível a movimentações

